

**OS ENSINAMENTOS SECRETOS
DE TODOS OS TEMPOS**

MANLY P. HALL

**OS ENSINAMENTOS SECRETOS
DE TODOS OS TEMPOS**

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Este livro é dedicado à alma racional do mundo.

PREFÁCIO

FORAM ESCRITOS IMENSOS LIVROS como comentários aos sistemas de filosofia secretos existentes no mundo antigo, mas as verdades intemporais da vida, tal como muitos dos maiores pensadores da Terra, foram frequentemente vestidas com trajes andrajosos. A presente obra é uma tentativa de providenciar um tomo digno desses profetas e sábios cujos pensamentos são a substância das suas páginas. Fazer surgir esta coalescência de beleza e verdade revelou-se oneroso, mas acredito que o resultado produzirá um efeito sobre a mente do leitor que mais do que justificará o custo.

O texto deste volume foi iniciado no primeiro dia de janeiro de 1926, e continuou quase ininterruptamente durante mais de dois anos. Porém, a maior parte da pesquisa foi feita antes do manuscrito. A recolha de material de referência começou em 1921, e três anos depois os planos para a obra ganharam forma definida. Por uma questão de clareza, todas as notas de rodapé foram eliminadas, sendo as várias citações e referências a outros autores incorporadas no texto por ordem lógica. A bibliografia é junta para auxiliar quem estiver interessado em selecionar para estudo futuro os documentos mais fidedignos e importantes na sua abordagem à filosofia e ao simbolismo.

Não tenho nenhuma pretensão à infalibilidade ou originalidade de qualquer afirmação aqui veiculada. Estudei suficientemente os escritos fragmentários dos antigos para perceber que elocuições dogmáticas relativas aos seus princípios são pior do que insensatas. O tradicionalismo é a maldição da filosofia moderna, sobretudo a das escolas europeias. Embora muitas das afirmações contidas neste tratado possam parecer, de início, imoderadamente fantásticas, esforcei-me por me abster de especulações metafísicas aleatórias, apresentando o material, tanto quanto possível, mais ao espírito do que à letra dos autores

originais. Ao assumir responsabilidade apenas pelos erros que aqui possam aparecer, espero escapar à acusação de plágio que foi dirigida contra quase todos os autores que escreveram sobre o tema da filosofia mística.

Sem nenhum particular *ismo* para promulgar, não tentei deturpar os escritos originais para sustentar noções preconcebidas, nem distorci doutrinas num qualquer esforço para conciliar as diferenças irreconciliáveis presentes nos vários sistemas de pensamento religioso-filosófico.

A teoria do livro é diametralmente oposta ao método do pensamento moderno, pois diz respeito a assuntos ridicularizados pelos sofistas do século xx. O seu verdadeiro propósito é apresentar à mente do leitor uma hipótese de vida completa para lá dos limites da teologia materialista, da filosofia ou da ciência. A quantidade de material abstruso contido nas suas páginas não é suscetível de organização perfeita, mas, tanto quanto possível, os temas relacionados foram agrupados.

Rica como a língua inglesa é em termos de expressão, é curiosamente escassa em vocábulos adequados à transmissão de premissas filosóficas abstratas. Um certo entendimento intuitivo dos significados mais subtis escondidos no seio de grupos de palavras inadequadas é, por isso, necessário à compreensão dos antigos ensinamentos dos mistérios.

Embora a maioria dos documentos que consultei esteja na minha biblioteca, quero reconhecer gratamente a assistência prestada pelas bibliotecas públicas de São Francisco e de Los Angeles, pelas bibliotecas do Rito Escocês em São Francisco e Los Angeles, as bibliotecas da Universidade da Califórnia em Berkeley e Los Angeles, a Mechanic's Library em São Francisco e a Biblioteca Teosófica de Krotona, em Ojai, Califórnia. Um agradecimento especial pela sua ajuda é também devido às seguintes pessoas: Sra. Max Heindel, Sra. Alice Palmer Henderson, Sr. Ernest Dawson e colaboradores, Sr. John Howell, Sr. Paul Elder, Sr. Phillip Watson Hackett e Sr. John R. Ruckstell. Livros únicos foram-me emprestados por outras pessoas e organizações, às quais agradeço também.

A tradução foi a maior tarefa no trabalho de pesquisa relativo à preparação deste livro. As necessárias traduções do alemão,

que exigiram quase três anos, foram generosamente realizadas pelo Sr. Alfred Beri, que rejeitou qualquer remuneração. As traduções do latim, italiano, francês e espanhol foram feitas pelo Professor Homer P. Earle. O texto em hebraico foi editado pelo rabino Jacob M. Alkow. Várias breves traduções e verificações foram também feitas por diversos indivíduos.

O trabalho editorial ficou sob a supervisão do Doutor C. B. Rowlingson, através de cujos competentes esforços a ordem literária foi muitas vezes trazida do caos literário. Devo também um agradecimento especial aos serviços prestados pelo Sr. Robert B. Tummonds, da H. S. Crocker Company, Inc., a quem foram consignadas as dificuldades técnicas de encaixar a matéria do texto no espaço que lhe fora atribuído. Graças à vasta beleza literária da obra, estou também em dívida para com o Sr. M. M. Saxton, a quem todo o manuscrito foi inicialmente ditado, bem como confiada a preparação do índice. Os esplêndidos esforços do Sr. J. Augustus Knapp, o ilustrador, resultaram numa série de pranchas a cores que enriqueceram a completude do trabalho.

Espero sinceramente que cada leitor beneficie da leitura deste livro, tal como eu beneficie da escrita. Os anos de trabalho e pensamento que nele despendi significaram muito para mim. A pesquisa indicou-me muitas grandes verdades; a escrita revelou-me as leis da ordem e da paciência; a impressão mostrou-me novas maravilhas das artes e dos ofícios; e todo o empreendimento trouxe-me uma multidão de amigos que talvez nunca tivesse conhecido de outra forma. E assim, nas palavras de John Bunyan:

Escrevi

Até que finalmente veio a ser,

Longa e larga, a grandeza que podeis ver.

MANLY P. HALL
Los Angeles, Califórnia
28 de maio de 1928

INTRODUÇÃO

A FILOSOFIA É A CIÊNCIA da estimativa de valores. A superioridade de qualquer estado ou substância sobre outro é determinada pela filosofia. Ao atribuir uma posição de importância primordial ao que resta quando tudo o que é secundário foi removido, a filosofia torna-se então o verdadeiro indicador de prioridade ou ênfase no reino do pensamento especulativo. A missão da filosofia é estabelecer *a priori* a relação das coisas manifestas com a sua derradeira causa ou natureza invisíveis.

«A filosofia», escreve Sir William Hamilton, «foi definida [como]: a ciência das coisas divinas e humanas, e das causas em que estão contidas [Cícero]; a ciência dos efeitos através das suas causas [Hobbes]; a ciência das razões suficientes [Leibnitz]; a ciência das coisas possíveis, na medida em que são possíveis [Wolf]; a ciência das coisas evidentemente deduzidas dos primeiros princípios [Descartes]; a ciência das verdades, racionais e abstratas [de Condillac]; a aplicação da razão aos seus legítimos objetos [Tennemann]; a ciência das relações de todo o conhecimento com os fins necessários da razão humana [Kant]; a ciência da forma original do ego ou ser mental [Krug]; a ciência das ciências [Fichte]; a ciência do absoluto [Von Schelling]; a ciência da absoluta indiferença do ideal e do real [Von Schelling] – ou a identidade da identidade e da não-identidade [Hegel].» (Ver *Lectures on Metaphysics and Logic*.)

Eis as seis secções em que as disciplinas da filosofia são normalmente classificadas: a *metafísica*, que lida com temas abstratos como a cosmologia, a teologia e a natureza do ser; a *lógica*, que trata das leis que governam o pensamento racional, ou, como foi intitulada, «a doutrina das falácias»; a *ética*, que é a ciência da moralidade, da responsabilidade individual e do carácter – envolvendo sobretudo

um esforço para determinar a natureza do bem; a *psicologia*, que se ocupa da investigação e classificação desse tipo de fenómenos atribuíveis a uma origem mental; a *epistemologia*, que se dedica principalmente à natureza do conhecimento em si e à questão de se poder existir numa forma absoluta; e a *estética*, que é a ciência da natureza e das reacções despertadas pelo belo, o harmonioso, o elegante e o nobre.

Platão via a filosofia como o maior bem alguma vez conferido pela divindade ao homem. No século xx, contudo, tornou-se uma pesada e complexa estrutura de conceitos arbitrários e irreconciliáveis – mas substanciados, cada um deles, por uma lógica quase incontestável. Os grandes teoremas da velha academia que Jâmblico comparava ao néctar e ambrósia dos deuses foram de tal modo adulterados pela opinião – que Heráclito declarou ser uma epilepsia da mente – que o hidromel celestial seria agora bastante irreconhecível para este grande neoplatónico. Uma prova convincente da crescente superficialidade do pensamento científico e filosófico moderno é a sua deriva persistente para o materialismo. Quando Napoleão perguntou ao grande astrónomo Laplace porque não mencionara Deus no seu *Traité de la Mécanique Céleste*, o matemático respondeu ingenuamente: «Sire, não precisava dessa hipótese!»

No seu tratado sobre o ateísmo, Sir Francis Bacon resume de forma sucinta a situação: «Um pouco de filosofia inclina a mente do homem para o ateísmo; mas as profundezas da filosofia trazem a mente dos homens para a religião.» A metafísica de Aristóteles abre com estas palavras: «Todos os homens desejam naturalmente saber.» Para satisfazer este desejo comum, o intelecto humano em desenvolvimento explorou os extremos do espaço imaginável no exterior e os extremos do ser imaginável no interior, procurando estimar a relação entre o um e o todo; o efeito e a causa; a natureza e as suas bases; a mente e a fonte da mente; o espírito e a substância do espírito; a ilusão e a realidade.

Um antigo filósofo disse: «Aquele que não tem conhecimento nem das coisas comuns é um bruto entre os homens. Aquele que tem um conhecimento apurado apenas das preocupações humanas é um homem entre brutos. Mas aquele que sabe tudo o que é possível saber através da energia intelectual, esse é um deus entre os homens.»

O estatuto do homem no mundo natural é determinado, portanto, pela qualidade do seu pensamento. Aquele cuja mente está escravizada pelos seus instintos bestiais não é filosoficamente superior ao bruto; aquele cujas faculdades racionais refletem sobre os assuntos humanos é um homem; e aquele cujo intelecto é elevado à consideração das realidades divinas é já um semideus, pois o seu ser partilha da luminosidade da qual a sua razão o aproximou. No seu elogio à «ciência das ciências», Cícero é levado a exclamar: «Ó filosofia, guia da vida! Ó tu, que procuras a virtude e expulsas os vícios! O que poderíamos nós e todas as eras dos homens ter sido sem ti? Produziste cidades; chamaste os homens dispersos ao gozo social da vida.»

Nos dias de hoje, a palavra *filosofia* faz pouco sentido exceto se acompanhada por outro termo qualificativo. O corpo da filosofia foi dividido em inúmeros *ismos* mais ou menos antagónicos, que se embrenharam de tal modo no esforço de desacreditar as falácias uns dos outros que as questões mais sublimes da ordem divina e do destino humano sofreram um deplorável descaso. A função ideal da filosofia é servir como influência estabilizadora no pensamento humano. Em virtude da sua natureza intrínseca, devia impedir o homem de estabelecer códigos irracionais de vida. Foram, porém, os próprios filósofos a frustrar os objetivos da filosofia ao exceder-se nas distrações das mentes destreinadas que é suposto liderarem no reto e estreito caminho do pensamento racional. Enumerar e classificar mais do que as mais importantes de entre as agora reconhecidas escolas de filosofia está para lá das limitações espaciais deste livro. A vasta área de especulação coberta pela filosofia será mais bem apreciada após uma breve consideração de alguns dos notáveis sistemas de disciplina filosófica que abalaram o mundo do pensamento ao longo dos últimos vinte e seis séculos. A escola grega de filosofia teve origem nos sete pensadores imortalizados a quem primeiro foi conferida a designação de *sophos*, «os sábios». Segundo Diógenes Laércio, foram estes Tales, Sólon, Quílon, Pítaco, Bias, Cleóbulo e Periandro. A água foi concebida por Tales como o princípio ou elemento primordial, sobre o qual a Terra flutuava como um navio, sendo os tremores de terra o resultado de perturbações neste mar universal. Dado que Tales era jónico, a escola que perpetuou os seus princípios ficou conhecida como jónica. Morreu em 546 a. C., sendo Anaximandro o sucessor, seguido por Anaxímenes,

Anaxágoras e Arquelau, com quem a escola jónica chegou ao fim. Anaximandro, ao contrário do seu mestre Tales, definiu o imensurável e indefinível infinito como o princípio a partir do qual todas as coisas foram feitas. Anaxímenes afirmou ser o ar o primeiro elemento do universo; que as almas e até a própria divindade eram compostas por ele.

Anaxágoras (cuja doutrina tem sugestões de atomismo) defendia que Deus era «uma mente infinita e independente; que esta divina mente infinita, não estando contida em nenhum corpo, é a causa efetiva de todas as coisas; sendo, a partir da matéria infinita composta por partes semelhantes, tudo feito segundo a sua espécie pela mente divina que, quando todas as coisas estavam no início misturadas de forma confusa, veio e as reduziu à ordem». Arquelau afirmou que o princípio de todas as coisas era duplo: mente (incorpórea) e ar (corpóreo), resultando a rarefação e a condensação deste último respetivamente em fogo e água. As estrelas eram tidas por Arquelau como locais de ferro ardente. Heráclito (que viveu entre 536 e 470 a. C. e é por vezes incluído na escola jónica) asseverou, na sua doutrina de mudança e fluxo eterno, ser o fogo o primeiro elemento e também o estado em que o mundo acabaria por ser reabsorvido. A alma do mundo era vista por Heráclito como uma exalação das suas partes húmidas, tendo declarado que o fluxo e o refluxo do mar eram causados pelo Sol.

Batizada em honra de Pitágoras de Samos, seu fundador, a escola *itálica* ou *pitagórica* conta entre os mais distintos representantes Empédocles, Epicarmo, Arquitas, Alcmeão, Hipaso, Filolau e Eudoxo. Pitágoras (580-500? a. C.) concebia a matemática como sendo a mais sagrada e exata das ciências, e exigia a todos os que iam até ele para os seus estudos uma familiaridade com a aritmética, a música, a astronomia e a geometria. Dava especial destaque à *vida filosófica* como pré-requisito para a sabedoria. Pitágoras foi um dos primeiros mestres a estabelecer uma comunidade em que todos os membros se ajudavam mutuamente na conquista comum das ciências superiores. Introduziu a disciplina de retrospeção como essencial ao desenvolvimento da mente espiritual. O pitagorismo pode resumir-se como um sistema de especulação metafísica referente às relações entre os números e os agentes causais da existência. Esta escola foi também a

coisas que existiam eram eternas, que o mundo não tinha princípio nem fim e que tudo o que era gerado estava sujeito à corrupção. Viveu até uma idade avançada, e diz-se que sepultou os filhos com as próprias mãos. Parménides estudou sob a orientação de Xenófanes, mas nunca subscreveu inteiramente as suas doutrinas. Parménides defendia que os sentidos eram incertos e a razão o único critério da verdade. Foi o primeiro a afirmar que a Terra era redonda e dividiu também a sua superfície em zonas de calor e frio.

Melisso, incluído na escola eleática, tinha muitas ideias em comum com Parménides. Afirmava que o universo era inamovível, pois, ocupando todo o espaço, não existia nenhum local para onde pudesse ser deslocado. Rejeitou a teoria de um vácuo no espaço. Zenão de Eleia defendeu também que não podia existir um vácuo. Recusando a teoria do movimento, asseverou que havia apenas um Deus, que era um Ser eterno e não gerado. Tal como Xenófanes, concebia a divindade como sendo esférica. Leucipo argumentava que o universo consistia em duas partes: uma cheia e a outra um vácuo. Do infinito, uma hoste de minúsculos corpos fragmentários descia para o vácuo, onde, através de uma agitação contínua, se organizavam em esferas de substância.

O grande Demócrito expandiu até certo ponto a teoria atomista de Leucipo. Demócrito declarou que os princípios de todas as coisas eram duplos: átomos e vácuo. Ambos, afirmou, são infinitos – os átomos em número, o vácuo em magnitude. Assim, todos os corpos devem ser compostos de átomos ou vácuo. Os átomos tinham duas propriedades, forma e tamanho, ambas caracterizadas por uma infinita variedade. Também considerava a alma como sendo atômica em estrutura e sujeita à dissolução com o corpo. A mente, julgava ser composta por átomos espirituais. Aristóteles sugere que Demócrito obteve a sua teoria atomista da doutrina pitagórica da *Mónada*. Entre os eleáticos, estão também Protágoras e Anaxarco.

Sócrates (469-399 a. C.), fundador da seita *socrática*, sendo essencialmente um céptico, não impunha as suas opiniões, mas, através de interpelações, levava cada homem a expressar a sua própria filosofia. Segundo Plutarco, Sócrates concebia qualquer local como apropriado para questionar, na medida em que todo o mundo era uma escola de virtude. Defendia que a alma existia antes do corpo e que, antes de

imerso nele, era dotada de todo o conhecimento; que, quando a alma entrava na forma material, ficava estupidificada, porém, através de discursos sobre questões racionais, era levada a despertar e a recuperar o conhecimento original. Foi nestas premissas que a sua tentativa de estimular o poder da alma através da ironia e do raciocínio indutivo se baseou. Disse-se de Sócrates que o único tema da sua filosofia era o homem. Ele mesmo declarou que a filosofia era o caminho para a verdadeira felicidade e que o seu propósito era duplo: (1) contemplar Deus, e (2) abstrair a alma do sentido corpóreo.

Concebeu os princípios de todas as coisas como sendo três: *Deus*, *matéria* e *ideias*. Sobre Deus, disse: «O que Ele é, não sei; sei o que Ele não é.» Definiu a matéria como objeto de geração e corrupção; a ideia como uma substância incorruptível – o intelecto de Deus. Considerava a sabedoria a soma de todas as virtudes. Entre os ilustres membros da seita socrática estavam Xenofonte, Ésquines, Críton, Simão, Glauco, Símiás e Cebes. O professor Zeller, grande autoridade em filosofias antigas, afirmou que os escritos de Xenofonte acerca de Sócrates são falsos. Quando *As Nuvens*, de Aristófanes, uma comédia escrita para ridicularizar as teorias de Sócrates, foi representada pela primeira vez, o próprio grande cético assistiu à peça. Durante a cena, que o caricaturava sentado num cesto em pleno ar a estudar o Sol, Sócrates ergueu-se calmamente do seu lugar para melhor permitir que os espetadores atenienses comparassem as suas feições pouco atraentes com a grotesca máscara utilizada pelo ator que o personificava.

A seita de Élis foi fundada por Fédon de Élis, um jovem de famílias nobres, liberto da escravatura por instigação de Sócrates e que se tornou um seu dedicado discípulo. Platão admirava de tal modo a mentalidade de Fédon que deu o seu nome a um dos seus mais famosos discursos. Fédon foi sucedido na sua escola por Plístenes, a quem se seguiu Menedemo. Pouco se sabe das doutrinas da seita de Élis. Presume-se que Menedemo teria uma inclinação para os ensinamentos de Estilpo e da seita megárica. Quando pediam a opinião de Menedemo, este respondia que era livre, insinuando que a maioria dos homens eram escravos das suas opiniões. Aparentemente, tinha um temperamento algo beligerante e com frequência regressava das palestras bastante maltratado. A mais famosa das suas premissas diz:

O que não é igual é diferente daquilo que não é igual. Admitido este ponto, Menedemo prosseguiu: *O benefício não é o mesmo que o bem; portanto, o bem não beneficia.* Após o tempo de Menedemo, a seita de Élis ficou conhecida como eretria. Os seus representantes condenavam todas as premissas negativas e teorias complexas e abstrusas, declarando que só as doutrinas simples e afirmativas podiam ser verdadeiras.

A seita *megárica* foi fundada por Euclides de Mégara (não o célebre matemático), grande admirador de Sócrates. Os atenienses aprovaram uma lei que decretava a morte de qualquer cidadão de Mégara encontrado na cidade de Atenas. Nada intimidado, Euclides vestiu roupas de mulher e saiu à noite para estudar com Sócrates. Após a morte cruel do mestre, os discípulos, temendo um destino similar, fugiram para Mégara, onde foram recebidos com grande honra por Euclides. A escola megárica aceitava a doutrina socrática de que a virtude é sabedoria, acrescentando-lhe o conceito de Élis de que o bem é a absoluta unidade, e toda a mudança uma ilusão dos sentidos. Euclides defendia que o bem não tem oposto e, portanto, o mal não existe. Questionado sobre a natureza dos deuses, declarou-se ignorante da sua disposição, exceto que odiavam pessoas curiosas.



Ocasionalmente, os megáricos são incluídos nos filósofos dialéticos. Euclides (que viveu por volta de 374? a. C.) foi sucedido na sua escola por Eubulides, entre cujos discípulos estavam Alexino e Apolónio Crono. Eufanto, que viveu até uma idade avançada e escreveu muitas tragédias, encontrava-se

PLATÃO

De Recuil des Figures, Groupes, Thermes, Fontaines, Vases et autres Ornaments, de Thomasin.

O verdadeiro nome de Platão era Arístocles. Quando o pai o levou para estudar com Sócrates, o grande cético afirmou que, na noite anterior, sonhara com um cisne branco, preságio de que o novo discípulo estava destinado a tornar-se um dos iluminados do mundo. Há uma tradição que diz que o imortal Platão foi vendido como escravo pelo rei da Sicília.